

# TURMA DA MÔNICA E A FORMAÇÃO DE MENTES DE INVESTIDOR EM TEMPOS DE FINANCEIRIZAÇÃO

Inês Hennigen<sup>1</sup>

**Resumo:** A análise que desenvolvemos, relacionada ao objetivo de conhecer e problematizar a produção de vida e subjetividade no atual capitalismo neoliberal financeirizado, focaliza um livro de educação financeira da Turma da Mônica e do consultor Primo Rico. Utilizamos a análise do discurso na perspectiva foucaultiana de modo a examinar o enunciável e o visível. Quanto aos contornos e ênfases desta pedagogia cultural, problematizamos: a centralidade do dinheiro, a incitação ao investimento e ao empreendedorismo, e a omissão ou abordagem bem específica das temáticas trabalho, juros e endividamento. Frente à capitalização da vida que vivenciamos hoje, produtora de desigualdades brutais, ressaltamos ser crucial uma educação que rompa com esta lógica.

**Palavras-chave:** Educação Financeira; Pedagogia Cultural; Infância; Produção de Subjetividade; Financeirização.

## Monica's Gang and the formation of minds of investor in times of financialization

**Abstract:** The analysis we developed, related to the objective of knowing and problematizing the production of life and subjectivity in the current financialized neoliberal capitalism, focuses on a financial education book by Monica's Gang and consultant Rich Cousin. We use discourse analysis on Foucaultian's perspective in order to examine the enunciable and the visible. As for the design and emphases of this cultural pedagogy, we problematize: the centrality of money, the incitement to investment and entrepreneurship, and the omission or very specific approach to the themes of work, interest and indebtedness. Faced with the capitalization of life that we live nowadays, which produces brutal inequalities, we highlight that an education that breaks with this logic is crucial.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: [ineshennigen@gmail.com](mailto:ineshennigen@gmail.com).  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0973-5973>.



**Keywords:** Financial Education; Cultural Pedagogy; Childhood; Production of Subjectivity; Financialization.

## ASCENSÃO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

No início dos anos 2000, a própria concepção e as propostas de educação financeira eram bem incomuns no Brasil. Savoia, Saito e Santana (2007), a partir de um levantamento de iniciativas existentes no país, apontaram que havia um tratamento incipiente da questão e, frente aos novos e mais complexos produtos financeiros que vinham sendo oferecidos pelo mercado, clamavam pela introdução deste tipo de educação em todos os níveis de ensino.

Na sequência, em 2007-2008, eclodiu a crise dos empréstimos *subprime* nos Estados Unidos, com repercussões e efeitos significativos ao redor do mundo. Este abalo global fez analistas de diferentes campos de estudos atentarem, com miradas cada vez mais críticas, para o papel precípua das finanças no mundo contemporâneo, atravessado pela racionalidade neoliberal e crescente financeirização (BERARDI, 2020; DARDOT; LAVAL, 2017; DOWBOR, 2017; LAVINAS; ARAÚJO; BRUNO, 2017; LAZZARATO, 2009, 2017).

Em 2010, o governo federal lançou a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) visando “[...] promover a educação financeira e previdenciária e contribuir para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de *decisões conscientes* por parte dos *consumidores*” (BRASIL, 2010, grifos nossos).

Críticas à cultura do consumo (FEATHERSTONE, 1995) e ao consumismo (COSTA, 2005), análises do chamamento ao consumo consciente, sustentável e/ou responsável (FONTENELLE, 2010), preocupação com a expressiva expansão da oferta e concessão de crédito aos consumidores e com o fenômeno do

superendividamento (MARQUES; CAVALLAZZI, 2006) vinham mobilizando pensadores, pesquisadores, educadores e instituições. Por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental um dos temas transversais era *trabalho e consumo* (BRASIL, 1998), e PROCONs desenvolviam projetos de educação aos consumidores adultos, jovens e crianças (CASAGRANDE, 2005; SÃO PAULO, 2000).

A partir do lançamento da ENEF em 2010, proliferaram propostas e iniciativas de educação financeira, muitas dirigidas às crianças, dentro e fora das escolas, sendo que tal concepção passou a ganhar protagonismo, praticamente “substituindo” a de educação para o consumo<sup>2</sup>. Neste sentido, relevante pontuar que, em 2020, um novo decreto revogou os termos da ENEF original e estabeleceu como sua finalidade “[...] promover a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no País” (BRASIL, 2020), excluindo a referência à cidadania e consumidores.

Nosso projeto de pesquisa atual objetiva conhecer e problematizar condições postas para a produção de vida e subjetividade nas atualizações do capitalismo neoliberal financeirizado no Brasil e, para tanto, estamos focalizando o que denominamos dispositivo da financeirização. Nessa pesquisa, operamos a partir do método da cartografia: movemo-nos por caminhos e conexões colocadas pelos processos que acompanhamos, os materiais e as análises sobre certas questões nos levam a outras materialidades e problematizações (BARROS; BARROS DE BARROS, 2016).

Assim, ao mapear elementos heterogêneos relativos ao dispositivo da financeirização, nos deparamos com o livro de

---

<sup>2</sup> No Google Acadêmico, no período entre 1990 e 2009, são 612 os resultados relativos à expressão “educação para o consumo” e 390 para “educação financeira”; já entre 2010 e 2022, são 4.590 para a primeira expressão e 13.800 para a segunda, indicando uma virada – conceitual e nas práticas educacionais – significativa.

educação financeira da Turma da Mônica e Priminho (Thiago Nigro, o consultor financeiro *Primo Rico*<sup>3</sup>) intitulado “Como cuidar do seu dinheiro” (SOUZA; NIGRO, 2020). Além de uma história em quadrinhos, que abre o livro, esse traz várias seções com informações e narrativas, envolvendo e/ou ilustradas com os personagens da Turma, com objetivos educativos explícitos. Tal característica logo nos remeteu ao conceito de pedagogia cultural (ANDRADE; COSTA, 2017) e, uma vez que focaliza questões que concernem à vida de todos hoje, colocando em circulação discursos que engendram subjetividades, também ao de pedagogias do presente (CAMOZZATO, 2014).

Em função de sua abordagem – para nós, plasmada no seguinte dito: “Mesmo sendo criança, você pode *começar a ter* uma *mente de investidor*” (SOUZA; NIGRO, 2020, p. 60, grifos nossos), divisamos uma atualização no que se poderia caracterizar como pedagogia financeira para a infância (OLIVEIRA, 2009). Portanto, analisar tal artefato cultural possibilitaria conhecer algumas das suas direções e efeitos para os sujeitos, relações e sociedade, ampliando conhecimento e problematização das complexas redes de saber-poder que dão sustentação e alavancam o capitalismo neoliberal financeirizado hoje.

Conhecíamos dois outros materiais da Turma da Mônica relacionados a consumo e dinheiro. Então, como primeiro movimento em direção à análise do livro, buscamos e encontramos outras iniciativas conexas a tais questões com a Turma e acesso aberto na internet. Na seção que segue, apresentamos sua descrição, apontando alguns deslocamentos temáticos ao longo dos anos.

O trabalho genealógico de Foucault (1999), que procurou compreender a formação de certas experiências de si, mostrou a

---

<sup>3</sup> O canal “O Primo Rico” no YouTube está disponível em: <https://www.youtube.com/@primorico/about>.

importância de se atentar às condições que possibilitam a emergência de determinados discursos, que, perpassados por jogos de poder, buscam instituir-se como verdades. Inspirados nesta perspectiva metodológica, na terceira seção deste artigo, abordamos algumas condições que vislumbramos terem possibilitado o surgimento de um livro que convoca crianças a serem investidores.

Na quarta seção, para prosseguir com a análise do livro, tomamos como operador metodológico a análise do discurso na perspectiva foucaultiana, que permite contemplar o enunciável e o visível – as práticas discursivas e as não-discursivas (FISCHER, 2002).

Por fim, cabe pontuar, por um lado, que o foco de nossa análise é o livro, sendo tecidas articulações com os outros materiais da Turma, nas seções seguintes, quando pertinente para compor as discussões; e, por outro lado, que, no âmbito da perspectiva metodológica com a qual operamos, as análises não se fazem a partir ou buscando categorias específicas, mas são engendradas contemplando elementos discursivos e não discursivos na sua relação com a produção de subjetividade.

## ITINERÁRIOS EDUCATIVOS DA TURMA DA MÔNICA

Localizamos, no pós-crise financeira de 2008, o que parece ser a primeira vez que a Turma da Mônica se envolveu com as temáticas consumo e dinheiro com objetivo pedagógico direto. Para comemorar os vinte anos do Código de Defesa do Consumidor em 2010, uma parceria de diferentes instituições viabilizou a publicação de “Turma da Mônica em Superendividados... até a raiz do cabelo” (SOUZA, 2009). Esta história em quadrinhos traz situações das famílias dos personagens e, por meio dessas, faz circular certas noções e ensinamentos, como não comprar *superfluos*, evitar usar *demais* os cartões de crédito, cuidar para não ficar (super)endividado e *economizar* dinheiro; no final são arrolados e ilustrados alguns



direitos básicos dos consumidores, entre eles o direito à educação *para* o consumo, expressão bastante utilizada à época.

A Turma da Mônica também se fez/faz presente, com histórias de uma página, postadas entre dezembro de 2014 e março de 2017, no portal Meu Bolso Feliz<sup>4</sup>, uma iniciativa já dita de educação financeira do SPC Brasil (Serviço de Proteção ao Crédito); entre outras, as questões abordadas podem ser discernidas a partir dos títulos de algumas histórias: Pesquisar *para Economizar*; Compras *por Impulso*; Consumo *Consciente*; *Poupar*; Influência da Propaganda; Uso do Crédito; Dinheiro e Prioridades.

Também com o mote de ser um instrumento de educação financeira, a Visa lançou, em junho de 2015, o Cartão Mesada Turma da Mônica; no vídeo publicitário no YouTube<sup>5</sup>, ele é assim divulgado: “A educação financeira parece um assunto complicado. Lidar com dinheiro é uma *grande responsabilidade que surge na vida da criança*, o que é muito importante para o seu futuro. Por isso, o cartão mesada Turma da Mônica *traz a solução* para ajudar pais e filhos nessa missão” (grifos nossos). É apresentada sua integração a um aplicativo para celular com várias funções para o controle parental e extratos e gráficos para as crianças acompanharem gastos. Na sequência, outro recurso é exposto: “E sabe do que mais? Os pequenos podem separar uma parte da mesada todo mês com a função *porquinho* e assim entendem a importância de *economizar* e se planejar” (grifos nossos).

Uma nova parceria da Turma, iniciada em 2018 e que segue perdurando, foi feita com o Sistema Sicredi (Sistema de Crédito Cooperativo). A partir dos conteúdos do Caderno de Educação Financeira e Gestão de Finanças Pessoais do Banco Central<sup>6</sup> foram

<sup>4</sup> Disponível em: <https://meubolsofeliz.com.br/?s=turma+da+m%C3%B4nica>. Acesso em 09 mar. 2023.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zj9qlnzZRg>. Acesso em 10 mar. 2023. Atualmente o site para contratação do cartão não está mais ativo.

<sup>6</sup> Produzido em 2013, indica seis conteúdos básicos para uma educação financeira: Nossa Relação com o Dinheiro; Orçamento Pessoal ou Familiar; Uso do Crédito e

criadas algumas histórias em quadrinhos e seis vídeos: De Onde Vem o Dinheiro, Orçamento Familiar, A Recompensa de Quem Sabe Administrar Dinheiro, Formas de Economizar, Aprendendo a Economizar, e Prevenção e Proteção. Desde então, o Sicredi vem promovendo, Brasil afora, atividades e a distribuição gratuita destes gibis em eventos esportivos, escolas, entre outros (PREFEITURA DE SONORA, 2022; SISTEMA OCEPAR, 2022); mantém também um site específico<sup>7</sup>, cujo convite é “Vamos aprender brincando com a Turma da Mônica?”, que traz vídeos e histórias de uma página, que podem ser filtrados a partir das seguintes ações/propostas: Economizando, Planejando, Calculando e Equilibrando.

Por fim, a publicação que nos levou à análise que desenvolvemos neste artigo: o livro “Como cuidar do seu dinheiro”. Na primeira parte, a história em quadrinhos tem como mote um *desafio* para saber qual dos quatro amigos da Turma *ganharia mais dinheiro* a partir de certa quantia que o Priminho, personagem criança do consultor, lhes oferece – introduzindo a noção/prática do investimento. Após, o Primo Rico se apresenta dizendo que tem milhões de seguidores e se dirige às crianças apresentando, em várias seções, uma série de informações, conceitos, perguntas e proposições, entremeadas com narrativas de si e com ilustrações com os personagens da Turma e outros, para “[...] juntos aprendermos [...]” sobre dinheiro (SOUZA; NIGRO, 2020, p.15).

Assim, se a primeira iniciativa, anterior à ENEF, visava educar para o consumo e evitar (super)endividamento, logo a noção de educação financeira é incorporada, mas seguindo com temáticas concernentes ao consumo, crédito e poupança. Relevante que essa operação, nos primeiros materiais, é sinônima de economizar, no sentido de guardar dinheiro; passa a ser caracterizada como

---

Administração das Dívidas; Consumo Planejado e Consciente; Poupança e Investimento; e Prevenção e Proteção (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2013).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.sicredi.com.br/sites/turmadamonica/>. Acesso em 14 mar.2023.

investimento – o que coloca em cena a noção de rendimento – no vídeo “Aprendendo a Economizar”<sup>8</sup>, de 2020; já no livro, poupar é apresentado como solução “se você *ainda* não tem um plano para *aplicar* seu dinheiro [...]” (SOUZA; NIGRO, 2020, grifos nossos), ponto ao qual retornaremos na quarta seção.

## FINANCEIRIZAÇÃO: COMO ENVOLVE AS CRIANÇAS?

Nesta seção discutimos o avanço contemporâneo do processo de financeirização<sup>9</sup> e sua estreita articulação com a racionalidade neoliberal, mostrando como envolvem as crianças e, assim, configuram-se como condições de possibilidade para a emergência de um livro de educação financeira que as convoca a terem mentes de investidor.

A financeirização já vinha sendo objeto de análise nas últimas décadas do século XX, mas, após a crise dos empréstimos *subprime*, o estouro da bolha financeiro-imobiliária nos Estados Unidos, conhecer tal processo tornou-se crucial por seu escopo, extensão e efeitos, e as análises se multiplicaram.

Lazzarato (2009), refletindo sobre a governamentalidade neoliberal, que gestou tal crise, pontua que, em seu âmbito, enquanto a chamada economia “real” empobrece os sujeitos – os governados, na acepção que Michel Foucault dá ao termo – ao reduzir e/ou estagnar níveis salariais e serviços públicos, as finanças “virtuais”, indissociáveis da primeira, pretendem enriquecê-los, seja via crédito ou ações das empresas: “as políticas neoliberais não defendem aumentos diretos ou indiretos [...], mas incitam a expansão do crédito

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NR-TB1jol\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=NR-TB1jol_s). Acessado em 14 mar.2023.

<sup>9</sup> Financeirização, em linhas gerais, é processo marcado por: maior peso sócio-político-econômico dos mercados, instituições e elites financeiras; expansão de ativos e prevalência de interesses financeiros sobre os da produção; elevação do consumo com base no crédito e, assim, do grau de endividamento da população; e mercantilização do que antes eram direitos sociais (LAVINAS; ARAÚJO; BRUNO, 2017).

para consumo e a participação na bolsa (fundos de pensão, seguros privados e individuais)” (p. 85). Portanto, íntima conexão entre avanço do neoliberalismo e da financeirização.

O autor ressalta que, neste contexto, o sistema crédito/dívida configura-se, a um só tempo, como motor econômico e técnica para o governo de condutas. Seja em virtude do endividamento individual ou em relação aos déficits molares (as dívidas soberanas), se produz a figura do homem endividado (LAZZARATO, 2009, 2017), sobre o qual se faz recair culpa e responsabilizado por ambos. Tal imputação financeiro-moral aos sujeitos é estratégica para implementar políticas de austeridade, para aprofundar as reformas neoliberais privatizantes, a financeirização (em áreas como educação, saúde, aposentadoria, etc.) e a precarização das condições de trabalho. Como colocam Hardt e Negri (2014), ter dívidas se universaliza, passa a ser condição geral da vida social, a ditar ritmos e escolhas de trabalho, a sujeitar os 99% (os endividados, de um modo ou outro) à exploração, enquanto o 1% credor usufrui a riqueza, que cresce na forma de renda.

Diante de tal configuração sócio-política-econômica, uma série de autores vêm tecendo críticas, cada vez mais agudas, ao regime capitalístico neoliberal financeirizado: “a concentração de renda e patrimônio acelerou-se com a financeirização da economia” (DARDOT; LAVAL, 2017, p. 197); “[...] a desigualdade atingiu níveis obscenos. Quando oito indivíduos são donos de mais riqueza do que a metade da população mundial, enquanto 800 milhões de pessoas passam fome, francamente, achar que o sistema está dando certo é prova de cegueira mental avançada” (DOWBOR, 2017, p. 22); “[...] as finanças ultrapassaram a condição estrita de elemento de operacionalidade capitalista para converter-se num *macrodispositivo* de gestão da vida, ao modo de uma ‘máquina tecnossocial’” (SODRÉ, 2021, p. 62, grifo do autor); “[...] em sua dobra financeirizada, o regime colonial-capitalístico exerce essa sua sedução perversa sobre

o desejo cada vez mais violenta e refinadamente, levando-o a se entregar ainda mais gozosamente ao abuso” (ROLNIK, 2018, p. 25).

No Brasil, tal cenário passou a ter contornos mais marcados na primeira década dos anos 2000, quando se verificou uma expressiva expansão do consumo e do crédito: por um lado, viabilizados a camadas mais empobrecidas da população, que foram então incluídas no sistema financeiro via políticas sociais monetarizadas, crédito consignado, etc.; por outro, para as chamadas camadas médias, com a oferta de uma série de novos produtos e serviços, como planos de previdência privada, de saúde, escolas privadas, entre tantos outros, em sintonia com a mercantilização da vida, matriz da lógica neoliberal. Assim, a dívida foi e segue sendo importante mecanismo a promover o processo de financeirização em massa em nosso país (LAVINAS; ARAÚJO; BRUNO, 2017).

Se vozes críticas apontavam as condições que promoviam a vulnerabilização de quem entrava no circuito crédito/(super)endividamento (MARQUES; CAVALLAZZI, 2006), iniciativas educativas aos consumidores não deixavam de associar a ideia de consumo supérfluo ou por impulso com o endividamento, como se fosse sua causa, contribuindo para reforçar o discurso da responsabilização individual, da necessidade do próprio sujeito se “autorregular” – naturalizando a avalanche de ofertas e a concessão de múltiplos cartões de crédito, como na história “Turma da Mônica em Superendividados... até a raiz do cabelo” (SOUZA, 2009).

Ao analisar a constituição do sujeito contemporâneo do consumo, Mutz (2013) pontua que a responsabilização reforça a culpabilização do sujeito consumidor; portanto, ele é quem *deveria aprender a ser* consciente, a comprar bem, precisaria ser educado para poder continuar comprando sempre. Agregamos: para, assim, seguir lançando mão do crédito, contrair mais dívidas, de modo a fazer girar esta *chave* da ciranda das finanças.

Rolnik (2018) é certa: é o modo de subjetivação produzido no âmbito de um regime que lhe possibilita existir e persistir. Neste sentido, para integrar à discussão a questão do investimento, cabe lembrar, com Foucault (2008), que, no neoliberalismo, a forma econômica do mercado passou a ser “[...] princípio de inteligibilidade, princípio de decifração das relações sociais e dos comportamentos individuais” (p. 334). O *homo oeconomicus* forjado, diz o autor, é o empresário de si mesmo, que toma o modelo investimento-custo-lucro e faz dele “[...] um modelo de existência, uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família” (p. 332).

A concorrência é aspecto central nesta racionalidade, o que impõe o incremento do que passou a ser concebido como capital humano. Afinal, por exemplo, inovações, que levariam a maior desenvolvimento, são entendidas pelos neoliberais como rendimentos desse capital. Em relação à criança, o tipo de educação, o tempo dedicado, a qualidade dos cuidados, etc. são vistos como *investimentos* para que seu *capital* humano se potencialize, produza *renda*. Foucault (2008, p. 335) explica: “essa renda será o que? O salário da criança quando ela se tornar adulta. E, para a mãe, que investiu, qual renda? Bem, dizem os neoliberais, uma renda psíquica”, a satisfação ao perceber que seus cuidados tiveram sucesso.

Brown (2017) toma como ponto de partida tais análises para abordar as mutações contemporâneas do neoliberalismo, ressaltando a exacerbação da economização da vida e da tarefa posta aos sujeitos de sempre mais incrementar sua posição no jogo da competição contínua, melhorar seu valor de portfólio (monetário e não monetário) em todas suas iniciativas e lugares.

Actualmente, el *homo oeconomicus* mantiene algunos aspectos empresariales, pero ha cambiado significativamente su forma hacia la del capital humano financierizado: su proyecto es autoinvertir de modos que mejoren su valor o atraigan inversionistas mediante una atención constante a su calificación de crédito real o

figurativa y hacerlo en todas las esferas de su existencia. (BROWN, 2017, p. 22).

Para a autora, a noção de capital humano financeirizado não implica, necessariamente, monetarização, mas maior adesão à economização da vida em todas suas dimensões, sendo que “[...] el modelo específico para el capital humano y sus esferas de actividad es cada vez más el capital financiero o de inversión y no sólo el capital productivo o empresarial” (BROWN, 2017, p. 23).

Cabe agora refletir de que modos esta subjetividade financeira e contábil (DARDOT; LAVAL, 2016), que se forja no seio do neoliberalismo, concerne igualmente às crianças e envolve educação. Como já abordamos acima, na visão dos neoliberais analisados por Foucault (2008), as crianças são *alvo* de investimentos – sendo que os educacionais ganham relevância –, o que geraria renda *no futuro*.

Contemporaneamente, para parcela da população, o investimento nas crianças<sup>10</sup>, de modo a ampliarem seu capital humano, é contínuo e crescente. Uma infinidade de serviços e produtos se abre para pais e mães que têm tal propósito: desde *boas escolas privadas*, passando por atividades extras (línguas, esportes, artes, viagens, etc.), recursos para “enriquecer” o brincar, até uma miríade de guias e especialistas a indicar como fazer a gestão do corpo e mente dos infantes para maximizar suas potências e felicidade.

Em relação a este cenário, Sampaio (2022) traz a concepção de infância *kids*. Para a autora, no âmbito do neoliberalismo, a infância se tornou um mercado assaz lucrativo – pululam menus *kids*, espaços *kids*, contas *kids*, games, grifes, *influencers*, e assim por diante. Tal mercado vai produzindo não só novíssimos sujeitos consumidores, mas crianças que fazem *distinções valorativas*, hierarquizam,

---

<sup>10</sup> Diferentes crianças/infâncias são atravessadas por formas de governo díspares. Abordamos certos vetores de subjetivação em função do material em análise neste artigo.



*demandam* investimentos sobre si, se empresariam. Dessa forma, se subjetivam, aprendem o modo de ser “contábil”.

E, para os pequenos consumidores (CASAGRANDE, 2005), se criaram e direcionaram, primeiramente, programas de educação *para* o consumo, e, depois, de educação financeira, que ganhou o reforço de peso da Turma da Mônica. Essa, inclusive, estampa um cartão mesada da bandeira Visa – um diferencial para certos *kids* formarem seu “capital”.

Por outro lado, diz Sampaio (2022), quando se trata da infância “desfavorecida”, há toda uma defesa – técnica, econômica – para que o Estado faça *investimentos* em educação e saúde, mormente, de modo a inserir mais crianças, quando jovens, no circuito produtivo-competitivo e, assim, obter rendimentos futuros na forma de desenvolvimento econômico. Inclusive a *taxa de retorno* vem sendo calculada: a equação de Heckman mostra que, quanto mais precoce o investimento, mais dará retorno – em uma atualização inequívoca da lógica e do jargão do mercado financeiro.

A infância não é conduzida, no sentido mais pedagógico do termo, mas deve ser gerida, no sentido mais empresarial possível. Taxas de risco e de retorno, “déficit”, crise orçamentária, custo e renda, todo um linguajar de investimento que não fala metaforicamente da infância, mas diz efetivamente de um jeito de governá-la e de concebê-la. A infância *kids* é um modo neoliberal de dizer verdadeiramente sobre ela ou sobre as práticas em torno dela. (SAMPAIO, 2022, p. 118-119).

Assim, em meio a uma racionalidade que gira em torno de investimentos, crianças são chamadas à condição de “investidores”, em sentido não monetário – mas também monetário. Não é por acaso a visibilidade midiática do *influencer Kid Investor*, que conta ter começado a investir na Bolsa de Valores aos 10 anos e, atualmente,

com 14 anos, diz ser sócio fundador de quatro empresas<sup>11</sup>. Da mesma forma, não surpreende (ou surpreende?) que a Comissão de Valores Mobiliários, ao reformular seu site e lançar o novo Portal do Investidor, em 2012, tenha criado o Portal Infantil (D'ANDRÉA, 2012). E que, nos anos recentes, uma série de matérias jornalísticas divulgue o crescimento, registrado pela B3 (Bolsa de Valores brasileira), do número de crianças/adolescentes (até 15 anos) que já fazem investimentos (RODRIGUES, 2020).

Neste percorrido, intentamos mostrar algumas condições que possibilitam compreender que a publicação do livro “Como cuidar do seu dinheiro”, que propõe que crianças podem (deveriam?) ter mente de investidor, responde e integra-se à contemporânea racionalidade neoliberal financeirizada.

## **CONTORNOS, ÊNFASES E RASURAS DE UMA PEDAGOGIA**

Como assinalamos na introdução, buscar analisar um livro que traz uma história em quadrinhos e, na sequência, diversas seções contendo conteúdo informativo-propositivo, ambas com objetivo educativo explícito, nos remeteu ao conceito de pedagogia cultural.

Quanto a essa noção, Andrade e Costa (2017) assinalam que, apesar de muito utilizada, segue envolta em controvérsias. Mas fato é que tal ferramenta metodológica possibilitou ver que os processos educativos extrapolam os muros das instituições escolares, perceber e compreender as qualidades pedagógicas da vida social, entender que filmes, publicidade e desenhos animados, shoppings, parques e brinquedos, para referir só alguns espaços e artefatos culturais, promovem aprendizagens a partir de certas estratégias pedagógicas, engendram modos de pensar, ser, sentir, conceber a si e ao mundo.

---

<sup>11</sup> Seu canal no YouTube está ativo desde outubro de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/@felipemolero/about>. Acesso em: 03 mai.2023.

Tal noção foi e segue sendo empregada para “desvelar” o caráter pedagógico, ou ideológico, para alguns, de artefatos da cultura e os seus efeitos subjetivos, como a perpetuação de estereótipos e/ou a constituição de sujeitos consumidores, especialmente as crianças. Por outro lado, hoje, cada vez mais, há um uso ativo de produções caracterizadas como pedagogias culturais – que circulam fora e também adentram as escolas – justamente para fomentar processos educativos apresentados como de transformação social.

A Turma da Mônica transita entre ambas as posições; de história em quadrinhos que retratava e contribuía para produzir a vida de crianças brancas de classe média, amadas e bem alimentadas, o que segue fazendo, nas últimas décadas passou também a se colocar a serviço de mudanças sociais, encampou e promoveu várias campanhas e projetos com o intuito de abordar e educar sobre questões sociais sensíveis: inclusão, deficiências, justiça, amizade, trabalho infantil, consumo, solidariedade e, recentemente, cuidados de saúde em meio à pandemia da Covid-19. Isso lhe conferiu reconhecimento e maior legitimidade no campo da educação, lhe colocando como recurso inclusive para projetos em salas de aula (BRUM; MAGALHÃES; LEMOS, 2023).

A partir da proposição de Foucault (1999, p. 93), para quem “entre técnicas de saber e estratégias de poder, nenhuma exterioridade [...]”, entendemos que, em relação a quaisquer produções culturais, que têm cunho pedagógico, é fundamental problematizar a constituição dos discursos que quer verdadeiros, a produção de subjetividade, o governo dos sujeitos que opera. Dessa forma, quanto ao objeto em análise neste artigo, nos interessa o dito, o não dito e os regimes de visibilidade (FISCHER, 2002), também o endereçamento (ELLSWORTH, 2001), de modo a podermos compreender que educação financeira está sendo proposta.

Em outro artigo (HENNIGEN, 2019), propusemos ser fundamental uma educação *quanto* ao consumo e ao crédito/dívida –

talvez fosse pertinente revisar e dizer *quanto* às finanças. Mas pensamos que, a despeito da nomeação, faz toda a diferença em um projeto educativo o que é abordado e como, o que coloca em questão ou, eventualmente, naturaliza, rasura ou oblitera, se busca “mudanças” para melhor enraizar o que já está posto ou intenta transformações para abrir outros fluxos sociais e existenciais.

O que o livro “Como cuidar do seu dinheiro”? enuncia/visibiliza e, assim, quer ensinar? Primeiro, a onipresença do dinheiro. O termo está em praticamente todos os títulos: do livro, da história em quadrinhos – “Dinheiro não é brincadeira” –, e em cinco das sete seções posteriores: Introdução; Afinal, o que é dinheiro?; De onde vem o dinheiro do cartão?; Como protejo o dinheiro?; Como as pessoas ganham dinheiro?; Como dinheiro gera mais dinheiro; e Mensagem final. Na capa, notas e moedas estão nas mãos do quarteto da Turma, e um porquinho, com um grande cifrão ao centro, está nas mãos do Priminho.

Se dinheiro é o que faz girar o mundo, não está explicitamente escrito, mas é uma carteira, que cai do bolso do Priminho com muito dinheiro, sua mesada, diz ele, que puxa o fio da narrativa da história em quadrinhos. Quando isso acontece, ele conta que era chamado de primo rico por todos onde morava, mas que não era rico, e passa a ensinar com seu exemplo: gosta de “*economizar*”<sup>12</sup>, não se deixa “levar pela *tentação* do momento”, só compra o que precisa “de *verdade*”. Tais condutas são desdobradas na segunda parte do livro, conexas a noções como consumista, que aparece como um adjetivo pessoal, não remetido a consumismo enquanto um processo social, compra por impulso, economizar/guardar dinheiro para aumentá-lo via investimento, entre outras.

---

<sup>12</sup> Todas as passagens entre aspas nesta seção são citações literais do livro e os grifos são sempre nossos.

Cabe já pontuar uma ênfase discursiva: a riqueza não se obtém sem esforço, sem parcimônia, sem o empenho racional do indivíduo para resistir e distinguir o que seria a verdade de suas necessidades. Como se privilégios, oportunidades díspares e desigualdades sócio-econômico-culturais não fossem assaz relevantes para alguém ser ou torna-se rico.

Seguindo a história, após pagar sorvete para quem não tinha dinheiro, Priminho pergunta se o quarteto gostaria de participar de um *desafio*: “vou dar cinco moedas para cada um de vocês! E quero ver *quem vai ganhar mais dinheiro* a partir dessa quantia!”. Passados alguns dias, todos se encontram. Mônica é a primeira a contar que, como não tinha planos para o uso do dinheiro e viu seu cofrinho, lá o guardou, sendo que ela exibe um sorriso amarelo ao revelar isso – pode-se inferir que seja porque, afinal, não ganhou mais dinheiro. Priminho então diz: “Boa, Mônica! Se você *ainda* não tem um plano para *aplicar* seu dinheiro, *poupar* é a solução!”. Na cena, já se vê Magali com rosto aflito. Então Cascão fala que fez “um ótimo investimento” e dobrou o dinheiro: “comprei um monte de sucata, construí brinquedos com esse material e meus amigos compraram tudo!”. Todos o cumprimentam e a atenção se volta para Magali, que tenta se desviar com um sorriso forçado, se mostra atrapalhada com uma pergunta direta e daí, aos prantos, diz que gastou tudo, mas justifica que “foi com comidinhas saudáveis”. Ela é consolada e instruída que “é só não gastar tudo!”. A seguir, Cebolinha relata seu “plano infalível”: guardou duas moedas, com as outras comprou açúcar e limão, seu pai ajudou a fazer limonadas, vendeu e obteve R\$ 8,00, guardou parte, comprou mais ingredientes, a mãe ajudou a fazer sorvete, negócio que lhe rendeu ainda mais dinheiro. Para Priminho, foi um plano “perfeito”: “além de multiplicar as moedas, você ainda *guardou parte* delas para *garantir os investimentos*”.

Então, quais são as lições para se tornar um investidor? Não recuar diante de um desafio, entrar na competição – nada mais neoliberal. Entender que poupar é para quem *ainda* não investe.

Como exposto na quarta seção, uma vez que os juros pagos pela poupança “são bem pequenos”, essa pode ser um “pontapé inicial [...] para quem não conhece tanto sobre investimentos”. Assim, diz-se: aprendam e avancem. Cabe mencionar que a penúltima seção do livro é dedicada a investimentos na Bolsa de Valores.

Seguindo os enunciados, ou as lições: investir e empreender caminham juntos – ressaltando que todo o dinheiro que se tem não deve ser colocado na produção, no caso de Cebolinha, de suco ou sorvete. Perfeito é separar parte para investir. Sim, a distinção entre investimento no setor produtivo e em aplicações financeiras, que é marcante no capitalismo financeirizado, ensinada desde cedo.

Cabe mencionar que atribuir a Magali, justamente a comilona, o comportamento de gastar tudo de uma vez, que ela revela aos prantos, contribui para corroborar a noção de impulsividade como traço pessoal e feminino. Assinale-se que Mônica e Magali são retratadas como pouco hábeis para lidar com dinheiro, apesar de estar dito, na segunda parte do livro, ser coisa do passado pais acreditarem que só meninos têm vocação para entender de dinheiro. O enredo da história, mais pregnante, difunde tal crença que, depois, uma única frase refuta. Que ensinamento fica? Finalmente, também ligado às personagens femininas, que são as que sorriem amarelo ou choram, não saber o que fazer com o dinheiro, *só poupar* ou gastar seria constrangedor ou vergonhoso.

Se a força educativa desta história em quadrinhos se faz pelo enredo, ambiência imagética e linguagem próxima da cotidiana de crianças leitoras, a princípio, público alvo da publicação, a segunda parte, que apresenta definições, questionamentos e proposições fez pensar sobre seu endereçamento. A quem os ensinamentos se dirigem? Quem imagina que seu leitor seja, quem ele propõe que o leitor seja?

Uma primeira leitura deixou a impressão que, em certas partes, supunha crianças que nada sabiam e, noutras, que se destinava àquelas já familiarizadas com o campo/linguagem. Uma passagem em especial causou estranheza, e, depois, levou à compreensão que não se tratava de maior ou menor conhecimento cognitivo. Vamos a ela.

Na “Introdução”, o dólar e euro são referidos como “moedas muito fortes”, “utilizadas para *negociações entre nações* e viajantes”. Então, na segunda seção “Afim, o que é dinheiro?”, que inicia abordando o papel-moeda e lista o nome de moedas de 15 países, o leitor é questionado *se já havia percebido* que se usa dinheiro para *trocar por coisas*. Curiosa sequência – que continua: “uma nota bem bonita de cem reais vale um brinquedo novo que você tanto queria [...] você entrega dinheiro a quem está vendendo o produto ou oferecendo o serviço, como cortar seu cabelo ou ser seu professor. *Sim, seu professor também recebe dinheiro* para dar aulas”. Que crianças, já leitoras, não saberiam que quem trabalha (professores, seus pais) recebe dinheiro/salário, mas saberiam sobre dólar e euro – as que viajam para o exterior?

A análise do conjunto do que estava dito e não dito no livro levou a uma constatação e compreensão: trabalho e salário, despesas e sustento são questões que ora são deixadas de lado, como se insignificantes fossem, ora são o mote para incentivar o empreendedorismo. Este tratamento nos leva a questionar: seria jogo de luz e sombra estratégico para melhor formar mentes de investidor?

Em pelo menos dois tópicos, a questão trabalho/remuneração, embora pertinente, não é considerada. Um dos tópicos, na terceira seção, envolve o questionamento sobre o que significa barato e caro. É explicado que decorre da “lei da oferta e demanda”, e que depende também dos custos de produção, sendo que só são referidos custos de componentes, tecnologias embutidas e *marketing* – como se não

existisse trabalho a remunerar implicado. Outro tópico, na quarta seção, versa sobre a abertura de um pequeno negócio, a produção/venda de brigadeiros: algumas equações matemáticas básicas mostram que, descontado o custo dos ingredientes, o restante é caracterizado como *lucro* para o pequeno empreendedor. O trabalho de quem os fez e vendeu, sua remuneração, não entra no horizonte da explicação.

A propósito, Lazzarato (2017), afirmando ser a finança a política do capital, diz que “pela primeira vez desde que o capitalismo existe, não é a relação capital/trabalho que está no centro da vida econômica, social e política” (p. 13), e que o salário se transformou em variável de ajustamento, sempre para baixo.

Somente na quinta seção, “Como as pessoas ganham dinheiro?”, o trabalho é focalizado, mas de modo circunscrito, rasurado. É dito: que “o *dinheiro* vem do trabalho”, que exige tempo, sacrifícios, dedicação, por isso a importância de “*cuidar bem dele*”; que algumas profissões exigem faculdade específica, “outras surgem de uma mistura de conhecimentos e também do desenvolvimento pessoal de cada um”; e que há também aquelas que “nascem do empreendedorismo”, que “originam-se de *uma paixão* específica por um tema que leva a pessoa a abrir um negócio”.

A narrativa segue: é “verdade que *nem sempre* podemos escolher o que queremos fazer”. Isso é ligado à inexperiência e o consultor traz sua trajetória. Depois é dito que “em quase todo tipo de atividade, existem maneiras de *fazer* um trabalho *muito bem feito* e se destacar, *abrindo portas* para novas oportunidades”.

Na sequência, o consultor diz que já trabalhou para outras pessoas, “fui o que *chamamos de empregado*”, mas virou um empreendedor. E prossegue: “*nem sempre escolhemos bem* quais caminhos seguir”, existem pessoas “que se tornam empreendedoras desde muito jovens por *necessidade*”, criam “negócios *para se sustentar*”

e obter dinheiro”. Daí uma posição avaliativa: não importa se fruto de necessidade ou querer, as pequenas empresas “*são essenciais* em todos os países do mundo. Elas oferecem *serviços* que muitos *grandes negócios* não podem ou *não têm interesse* em prestar”.

Quanto à criança, é enfatizado que, por lei, ela não pode trabalhar, o que é ilustrado por vários personagens dizendo “Não, não pode!” em uníssonos. Mas, um pouco adiante, é trazido que isso “*não impede* que *você crie* seu *primeiro* pequeno negócio”, como fazer pulseiras decoradas ou brigadeiros, pois seriam “maneiras *divertidas* de explorar o mundo do empreendedorismo mesmo entre crianças”.

Em suma, um itinerário neoliberal para a produção de pequenos empresários-investidores de si apaixonados. E somente uma nota sobre aqueles que, por necessidade, criam pequenos negócios para *se sustentar*: seus serviços são bem-vindos. Ressaltamos que o fato de somarem número extraordinário, que segue crescendo justamente em função do avanço do neoliberalismo financeirizado, fica rasurado, não entra em questão. Relevante, para a publicação, é dizer que são essenciais, pois oferecem serviços com os quais os grandes não se envolvem. Processos de precarização, as profundas desigualdades socioeconômicas e a pobreza seriam ideias alienígenas aqui. Uma educação financeira que nem toca nos paradoxos e complexidades dos processos e efeitos do sistema sócio-político-econômico atual. Mas o título do livro já indicava a perspectiva individualizante: “Como *cuidar do seu* dinheiro”.

Alves, Klaus e Loureiro (2021) pontuam que, para economistas neoliberais e teóricos da gestão, a fim de tornar o empreendedorismo um fenômeno de massa, “[...] os sujeitos devem desenvolver competências empreendedoras desde a infância” (p. 11-12). A Turma da Mônica e Primitivo encampam essa visão e vão além, incitando também à formação de mentes de investidor, propondo que isso aconteça de maneira *divertida*.

Para não estragar a diversão e/ou provocar desconforto frente à alteridade, ao contraponto indissociável da financeirização, temáticas como (super)endividamento, inadimplência ou crises financeiras também são deixados de fora. Já crédito e juros são abordados, mas de um modo bem peculiar.

Na segunda seção, onde estão explicações sobre dinheiro, surge a forma cartão e suas funções crédito e débito. Sobre a primeira, é dito ser *parecido* a quando a criança pede um adiantamento de mesada e depois precisa pagar, deixando de receber toda a próxima – uma simplificação que retira todo peso do sistema crédito/dívida. Também que “é *normal* nos empolgarmos com a *facilidade* do crédito” – não sendo tecida nenhuma problematização sobre essa. Após, uma advertência: “você não pode *ficar pedindo crédito* infinitamente, pois ele sempre será cobrado” – o fato de ser oferecido diuturnamente não entra em questão. Finalmente, a expressão juros sequer é citada.

Ela só aparece posteriormente, na seção “Como *protejo meu* dinheiro?”, cuja resposta é: investindo em um produto financeiro. Dinheiro é igualado a um bolo, os juros seu fermento, o que lhe faz crescer. Então é dito que, ao se pedir dinheiro emprestado em um banco, esse avisa que “cobrará um valor a mais *por ter feito esse serviço*”. É pontuado que empréstimos custam caro, que os juros “são altíssimos!”. Mas, imediatamente na sequência, é trazido que, “na situação inversa, os juros podem ser um *grande aliado*”, pois, ao se colocar dinheiro em um banco, esse “pode emprestá-lo a outra pessoa, e aí você recebe *parte dos juros cobrados*”. A desproporção desta “parte”, que faz toda a diferença para o gigantismo atual do sistema financeiro e para se entender o endividamento (privado e também o público), fica completamente apagada.

Voltando à interrogação sobre endereçamento, quem o livro imagina e/ou propõe que o leitor seja? A “Introdução” da segunda parte inicia com “Oi, priminha!, Oi, priminho!” e as últimas frases do

livro são: “Até breve, priminha! Até breve, priminho!”. Quem são? A análise nos leva a concluir que se tratam dos pares do Priminho/Primo Rico, os priminhos ricos, crianças privilegiadas, do que se costuma chamar de elite. Aquelas que: eventualmente passarão pela condição de empregados, mas poderão deixá-la por desejar; que não vivenciam necessidades, podem ter mesada e ocupar-se em explorar opções para investir; que são as estimuladas a doar brinquedos ao ganhar novos (ponto ressaltado quando é ensinado “*transformar ato de consumo em gesto de solidariedade*”), não quem brinca com as doações; a quem não interessaria saber sobre endividamento, pois isso não impactaria o cotidiano de suas famílias.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: E OS PRIMOS POBRES?

Com o objetivo de conhecer e problematizar a produção de vida e subjetividade no atual capitalismo neoliberal financeirizado temos buscado mapear e analisar elementos heterogêneos relativos ao dispositivo da financeirização. A análise do livro em tela neste artigo nos permitiu mostrar, por um lado, ser inerente à própria racionalidade neoliberal a deriva da equação investimento-lucro e sua transformação em modelo de existência. Enlaçando concorrência, capital humano e investimentos educacionais tal lógica envolve as crianças, que, para além de alvo de investimentos, têm sido chamadas, nos últimos tempos, a se tornar investidores.

A Turma da Mônica e Priminho oferecem lições para formar mentes de investidor: colocar o dinheiro como protagonista; engajar-se no desafio de ganhar mais dinheiro; entender que investir e empreender se correlacionam, mas investir só na produção não basta, perfeito é aplicar parte – e para tanto é preciso mais conhecer e avançar. Tal formação passa, contudo, por desatentar a certos processos e/ou tomá-los de modo parcial: custo do trabalho, condição de empregado, buscar sustento podem ser deixados de lado; juros são fermento do dinheiro, um grande aliado do investidor – é só não considerar questões como endividamento privado e

público, crises financeiras, etc. Enfim, possível depreender que, para ter mente de investidor, é preciso não atentar a assimetrias, privilégios, precarizações que tem se agudizado com o espraiamento do neoliberalismo financeirizado.

Que o capitalismo, a partir da expropriação e exploração, promove concentração de riquezas, desigualdades sócio-político-econômicas, inúmeras análises já mostraram. Com o avanço da financeirização, tais desigualdades avançaram de modo brutal. Certos projetos de educação financeira, incluso este da Turma da Mônica e Priminho, acabam a serviço do maior enrijecimento do modo neoliberal financeirizado de ser, mormente ao incitar a formação de mentes de investidor-empendedor na infância. Deste modo, iniciativas alheias às mazelas que tal regime impõe sobre a grande maioria da população.

Ao escrever este artigo, lembramo-nos de um quadro do programa humorístico “Balança mais não cai”, da Rede Globo nos idos dos anos 1970: Primo Pobre & Primo Rico. Roteiro básico: o personagem paupérrimo procurava o parente rico para sensibilizá-lo quanto a alguma penúria vivenciada, esperando obter alguma ajuda; o desfecho era sempre um tipo de pegadinha. Por exemplo, ao falarem de fome, o Primo Rico diz se orgulhar que, em sua casa, ninguém passa fome. Estando lá, o Primo Pobre já espera alimento. Daí seu parente abastado chama o mordomo e pede-lhe que retire o Primo Pobre de sua casa, e emenda: “Aqui em casa você não passa fome. Vai passar fome na sua” (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Hoje talvez este quadro fosse considerado descabido. Não porque se deixou de mandar as pessoas pobres passar fome nas suas casas – e até mesmo rir disso. Estranhar-se-ia um primo rico *gastar o seu tempo* conversando com o pobre. Cada um por si. Não tendo dinheiro, que trabalhe mais, se esforce mais ainda. E, nos discursos, sempre vai brotar o exemplo de quem teria começado do zero...

Para Dardot e Laval (2017), são significativos os efeitos subjetivos da lógica do capital financeiro. Os autores apontam que a propagação da capitalização da vida individual, inclusive entre os assalariados, fez erodir mais um pouco as lógicas de solidariedade. Por sua vez, Segato (2018) fala de uma pedagogia da crueldade, que captura o errante, o imprevisível, como é a vida, “para instalar allí la inercia y la esterilidad de la cosa, mensurable, vendible, comprable y obsolescente, como conviene al consumo en esta fase apocalíptica del capital” (p.11). A autora contrapõe o que nomeia de projeto histórico das coisas, funcional ao capital, no qual se produzem indivíduos que, sobretudo, aspiram coisas e acabam se transformando em coisas também, ao projeto histórico dos vínculos, que promove a reciprocidade, a sociabilidade comunitária. Ela entende que vivemos cá e lá, e propõe uma contrapedagogia da crueldade, de modo a se desenvolver a compreensão que só se põe limites à coisificação da vida em um mundo vincular e comunitário.

Poderia uma educação que colocasse em questão as temáticas consumo, endividamento(s) e finanças – hoje vetores de produção subjetiva e de desigualdades materiais bem pregnantas, que a todos diz respeito e coloca em relação – ser potente para se buscar romper com a capitalização da vida? Acreditamos que, até imiscuída, insubmissa, no espaço aberto à educação financeira, viria a contribuir desde que não se alinhasse a ensinamentos neoliberais, a chamamentos ao eu-empresário-investidor, mas que, insurgente, justamente os problematizasse. Uma educação que tivesse contornos e ênfases que concernissem aos processos que produzem a vida dos chamados 99%, não fazendo sonhar se aproximar da casta do 1%, mas projetar a explosão desta dissimetria extremamente perversa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre; KLAUS, Viviane; LOUREIRO, Carine Bueira. Do sonho à realização: pedagogia empreendedora, empresariamento da educação e racionalidade neoliberal. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, v. 33, 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Caderno de Educação Financeira – Gestão de Finanças Pessoais**. Brasília: BCB, 2013.

BARROS, Leticia Maria Renault; BARROS de BARROS, Maria Elizabeth. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (Orgs.). **Pistas do método da cartografia – a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 175-202.

BERARDI, Franco. **Asfixia – Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. Ubu Editora, 2020.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. **Decreto nº 10.393, de 09 de junho de 2020**. Brasília, DF, 2020.

BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos: la secreta revolución del neoliberalismo**. Malpaso Ediciones SL, 2017.

BRUM, Lucas; MAGALHÃES, Marcos; LEMOS, Sandra. Turma da Mônica: uma reflexão sobre as pedagogias culturais e os regimes de visualidade no contexto da pandemia. In: CAMOZZATO, Viviane; IGNÁCIO Patrícia (Orgs.), **Pedagogias fora e dentro da escola**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 96-119.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 573-593, 2014.

CASAGRANDE, Eunice Dias. **Pequenos consumidores – Código de defesa do consumidor para crianças**. Itaú Criança/PROCON Porto Alegre, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

D'ANDRÉA, Gabriella. **CVM lança novo Portal do Investidor**. Infomoney, 07 dez. 2012. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/onde-investir/cvm-lanca-novo-portal-do-investidor/>. Acesso em: 05 mai.2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Neoliberalismo e subjetivação capitalista. **Revista O Olho da História**, 22, 1-12, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2017.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

ELLSWORTH, Elizabeth. “Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.” In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**, Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-76.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 83-94, 2002.

FONTENELLE, Isleide Arruda. O fetiche do eu autônomo: consumo responsável, excesso e redenção como mercadoria. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, p. 215-224, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1 – a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. (2014). **Declaração – Isto não é um manifesto**. São Paulo: n-1 Edições.

HENNIGEN, Inês. Endividado, devo: governo da vida pelas finanças. **Fórum Linguístico**, v. 16, n. 3, p. 3953-3965, 2019.

LAVINAS, Lena; ARAÚJO, Eliane; BRUNO, Miguel. (2017). **Brasil: vanguarda da financeirização entre os emergentes**. Texto para Discussão 032, Instituto de Economia, UFRJ. Disponível em: [https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2017/TD\\_IE\\_032\\_2017\\_LAVINAS\\_ARA%C3%9AJO\\_BRUNO.pdf](https://www.ie.ufrj.br/images/IE/TDS/2017/TD_IE_032_2017_LAVINAS_ARA%C3%9AJO_BRUNO.pdf). Acesso em: 02 mai.2022.

LAZZARATO, Maurizio. Sobre a crise: finanças e direitos sociais (ou de propriedade!). **Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia**, Rio de Janeiro: UFRJ, n. 27, p. 83-90, jan-abr. 2009.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo do homem endividado**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MARQUES, Claudia Lima; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli (Ed.). **Direitos do consumidor endividado: superendividamento e crédito**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.

MEMÓRIA GLOBO. **Quadros e Personagens**. 29 out. 2021. Disponível em: [https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/balanca-mas-nao-cai/noticia/quadros-e-personagens.ghhtml#ancora\\_2](https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/humor/balanca-mas-nao-cai/noticia/quadros-e-personagens.ghhtml#ancora_2). Acesso em: 18 mai. 2023.

MUTZ, Andresa Silva da Costa. **A constituição do sujeito contemporâneo do consumo: aprender a comprar bem, para comprar sempre**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

OLIVEIRA, Helena Dória Lucas de. **Entre mesadas, cofres e práticas matemáticas escolares: A constituição de Pedagogias Financeiras para a Infância**. 2009. 238 f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PREFEITURA DE SONORA. **Alunos da Rede Municipal aprendem sobre educação financeira com a Turma da Mônica**, 03 set. 2022. Disponível em: <https://sonora.ms.gov.br/v2/alunos-da-rede-municipal-aprendem-sobre-educacao-financeira-com-a-turma-da-monica/>. Acesso em 23 mar.2023.

RODRIGUES, Márcia. **Dia das Crianças: investir na Bolsa também é ‘coisa de gente pequena’**. R7, 12 out. 2020. Disponível em: <https://renda-extra.r7.com/dia-das-criancas-investir-na-bolsa-tambem-e-coisa-de-gente-pequena-14082022>. Acesso em: 25 abr.2023.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. n-1 edições, 2018.

SAMPAIO, Helena Almeida e Silva. **Infância, biopolítica e neoliberalismo: uma navegação do pueril ao *kids***. 2022. 144f. Tese. (Doutorado em filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

SÃO PAULO. **Fundação Procon-SP promove mostra de educação para consumo**. Portal do Governo, São Paulo, 12 jun. 2000. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/fundacao-procon-sp-promove-mostra-de-educacao-para-consumo/?c=5342>. Acesso em: 23 mar.2023.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, p. 1121-1141, 2007.

SEGATO, Rita Laura. **Contra-pedagogias de la crueldad**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SISTEMA OCEPAR. **Turma da Mônica entra em quadra com quadrinhos sobre educação financeira**. 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/144035-sicredi-turma-da-monica-entra-em-quadra-com-quadrinhos-sobre-educacao-financeira>. Acesso em 23 mar. 2023.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2021.

SOUZA, Maurício de. **Turma da Mônica em Superendividados... até a raiz do cabelo!** Maurício de Souza Produções, 2009.

SOUZA, Maurício de; NIGRO, Thiago. **Como cuidar do seu dinheiro**. Rio de Janeiro: HarperKids, 2020.

*Recebido em 05 de junho de 2023.*

*Aprovado em 31 de julho de 2023.*